



EPIDERMITE EXSUDATIVA EM UM SUÍNO: RELATO DE CASO

Nadine Adriane Kist¹, Lucas Carvalho Siqueira², Guilherme Konrad²,
Daniele Mariath Bassuino²

Palavras-chave: *Staphylococcus hyicus*. Leitões de creche. Diagnóstico. Achados patológicos.

1 INTRODUÇÃO

A epidermite exsudativa (EE) é uma doença do sistema tegumentar de suínos que acomete principalmente leitões nas fases de maternidade e creche (FRANA, 2012). O agente causador da enfermidade é o *Staphylococcus hyicus*, que faz parte da microbiota da pele dos suínos e que também pode ser isolado da mucosa nasal, conjuntiva, focinho, orelhas e vagina de animais saudáveis (BARCELLOS, 1984).

A doença ocorre mundialmente e sua frequência tem relação com diversos manejos empregados na suinocultura, como instalações mal higienizadas, desmame precoce, mistura de lotes de suínos sensíveis e doentes e alta densidade nas baias (FRANA; HAU, 2019).

Geralmente ocorre de forma esporádica, com morbidade e mortalidade variáveis, dependendo de condições ambientais, densidade de lotação, pressão de infecção, presença de infecções secundárias e da adoção ou não de tratamento nas fases iniciais da infecção (BARCELLOS, 2012). Além destas, a imunidade apresenta um papel importante para o estabelecimento da doença (L'ECUYER; ALEXANDER, 1969).

O objetivo deste trabalho consiste em relatar os principais achados clínico-patológicos de um suíno necropsiado pelo Laboratório de Patologia Veterinária da Universidade de Cruz Alta, cujo diagnóstico foi compatível com Epidermite Exsudativa.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi encaminhado ao Laboratório de Patologia Veterinária da Unicruz para realização da necropsia um suíno, fêmea, cruzamento industrial, 50 dias de idade, provindo do município de Santo Cristo – RS, com histórico de problemas de mortalidade e refugagem de leitões em

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: nadineakist@gmail.com

² Docentes do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: lusiqueira@unicruz.edu.br, gkonrad@unicruz.edu.br, dbassuino@unicruz.edu.br



creche. Amostras de diversos órgãos foram coletadas, fixadas em solução de formalina 10%, processadas rotineiramente para histologia e coradas por Hematoxilina e Eosina (HE). O histórico foi obtido diretamente com o médico veterinário requisitante do exame.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O suíno diagnosticado com epidermite exsudativa (EE) é oriundo de uma granja que possui um sistema de manejo das leitegadas com idade média de 24 dias, com um peso entre 6,2 e 6,5 Kg, em média, por leitão desmamado. De acordo com o histórico, todos os leitões desmamados eram imunizados contra Circovirose e Pneumonia enzootica suína. Segundo relatos do proprietário, de forma esporádica, eram observados suínos que apresentavam um quadro de apatia, anorexia, lesões crostosas exsudativas multifocais que envolviam a região cervical, tóraco-lombar dorsal e lateral em uma evolução clínica de dez dias após sete dias de alojamento na creche. Todos os suínos eram medicados com beta-lactâmicos e apresentavam remissão completa dos sinais clínicos após uma terapia de cinco dias.

Foram identificados ainda, cofatores não-infecciosos associados ao quadro clínico, os quais caracterizavam-se por alta densidade de lotação nas baias, variações térmicas com amplitude superior a 8°C, além de mistura de leitegadas de diferentes origens. De acordo com a literatura, a doença normalmente ocorre com a introdução de um animal portador em um rebanho vulnerável (CARVALHO, 2007). Além disso, sua frequência tem relação com diversos manejos como: manutenção de animais em instalações mal higienizadas, adoção do desmame precoce, mistura de lotes de suínos sensíveis e doentes e alta densidade nas baias (FRANA, 2012). Fatores ambientais, como ventilação deficiente, umidade excessiva, contaminação ambiental alta, vazio sanitário curto ou inexistente e limpeza e desinfecção deficientes também predispõe o aparecimento da epidermite exsudativa (BARCELLOS, 2012). Deste modo, os fatores citados e formas de manejo da granja condizem com o aparecimento da doença.

Para que a infecção se estabeleça e a doença se desenvolva, é fundamental a produção de uma exotoxina denominada “toxina esfoliativa” (FRANA; HAU, 2019), produzida pelas amostras virulentas de *S. hyicus* e responsável por induzir as lesões na pele de suínos acometidos pela EE (ANDRESEN, 1997). O *S. hyicus* se multiplica na superfície da pele ocorre inflamação, hiperplasia do extrato córneo, proliferação de neutrófilos e espessamento



da epiderme, que evoluem para erosões. O extrato germinativo se desorganiza e o microrganismo penetra no interior da derme. Também é observado aumento de secreção sebácea e de exsudato seroso (FRANA; HAU, 2019).

Macroscopicamente, os achados de necropsia, consistiam de lesões crostosas circulares de pele que estendiam-se da região cervical a lombar medindo cerca de 0,5 a 2 cm de diâmetro distribuídas de forma multifocal por toda superfície corporal. Histologicamente, em epiderme observou-se de forma multifocal intenso infiltrado inflamatório composto por neutrófilos íntegros e degenerados, além de moderada hiperkeratose ortoceratótica e miríades bacterianas cocoides basofílicas intralesionais observadas, predominantemente, em epiderme. Havia ainda discreto infiltrado linfoplasmocítico perivascular em derme superficial. Em linfonodos, havia hiperplasia moderada de centros foliculares. As lesões observadas são semelhantes às descritas na literatura, uma vez que as lesões histológicas restringem-se inicialmente à epiderme, no entanto, em quadros clínicos mais severos, podem envolver derme superficial e profunda (L'ECUYER; JERICHO, 1966). As lesões histológicas caracterizam-se por uma dermatite pustular superficial, com presença de neutrófilos e eosinófilos que se estendem aos folículos pilosos, ocasionando foliculite supurativa superficial (HARGIS; GINN, 2007). Na derme, observa-se hiperemia, infiltração de leucócitos perivascular, além de dilatação de vasos linfáticos e congestão (HARGIS; GINN, 2007). Em estágios mais avançados, a epiderme apresenta-se hiperplásica com infiltrado mononuclear e com crostas espessas de queratina e microabscessos, semelhantes aos observados neste estudo (FRANA; HAU, 2019).

O diagnóstico de EE pode ser feito com facilidade levando em conta aspectos como idade dos animais acometidos; distribuição e progressão das lesões e sinais clínicos (NEUMANN, 2009). A ausência de febre e prurido, a presença de crostas, aspecto gorduroso da pele e do odor rançoso são muito sugestivos de EE (MOTTA, 2011). Para a confirmação do diagnóstico devem ser realizados exames laboratoriais, principalmente através de testes bacteriológicos e histopatologia.

O diagnóstico diferencial da EE deve incluir outras doenças cutâneas de suínos como a pitiríase rósea, dermatofitose, deficiência de zinco ou de biotina, varíola suína, sarna e a síndrome da dermatite e nefropatia suína associada a infecções por Circovirus suíno tipo 2 (FRANA; HAU, 2019).



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EE é uma doença de pele que resulta em perdas econômicas diretas e indiretas significativas na suinocultura tecnificada. Desta forma, ressalta-se a necessidade da utilização de ferramentas de diagnóstico adequadas pelo médico veterinário, visto que a EE deve ser incluída no diagnóstico diferencial de outras doenças cutâneas de suínos.

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, L. O. et al. *Staphylococcus hyicus* exfoliative toxin: purification and demonstration of antigenic diversity among toxins from virulent strains. **Microbial Pathogenesis**. v.2, n.2, p.113-22, 1997.
- BARCELLOS, D. et al. Epidermite exsudativa: pesquisa de suínos portadores de *Staphylococcus hyicus* no Rio Grande do Sul (RS). **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**. v.36, p.533-537, 1984.
- BARCELLOS, D. et al. Doenças de pele. IN: BARCELLOS, D.; SOBESTIANSKY, J. **Doenças dos suínos**. 2.ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2012.
- CARVALHO, L.F.O.S. et al. Doenças de pele. IN: SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, L. E. S. N. (Ed). **Doenças dos Suínos**. Goiânia: Cânone, 2007.
- FRANA, T. S; HAU, S. L. Staphylococcosis. In: ZIMMERMAN, J. J. et al. **Diseases of swine**. 11 th ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2019, p. 926-933.
- HARGIS, A. M.; GINN, P. E. The Integument. IN: MCGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. **Pathologic Basis of Veterinary Disease**. St. Louis: Elsevier, 2007. 1182 p.
- L'ECUYER, C. L.; JERICHO, K. Exudative epidermitis in pigs: Etiological studies and pathology. **Canadian Journal of Comparative Medicine and Veterinary Science**.v.30, n.4, p.94-101, 1966.
- L'ECUYER, C. L.; ALEXANDER, D. C. Exudative epidermitis in pigs. Treatment trials. **The Canadian Veterinary Journal**. v.10, n. 9, p.227-237, 1969.
- MOTTA, A. P. et al. Epidermite exsudativa em suínos. **A Hora Veterinária**. v.181, p.62-67, 2011.
- NEUMANN, E. J. et al. Swine Disease Manual. **Iowa: American Association of Swine Veterinarians**, 2009.